

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PUBLICIDADE E PROPAGANDA**



Passo Fundo, 2015

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO**  
**FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

***EVIL HAS NO BOUNDARIES***  
**McLuhan explica como o Slayer chegou aos muros do Irã**

Cristiano A. R. do Amaral

Monografia apresentada ao curso de Publicidade e Propaganda, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda, sob a orientação do professor Ph.D. Benami Bacaltchuk.

Passo Fundo, 2015

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho ao meu pai André, que tornou tudo isso possível, à memória dos queridos que já se foram e a todos que fizeram parte da caminhada até aqui. A estes, meu eterno respeito.

## **AGRADECIMENTO**

Ao mestre Benami Bacaltchuk, por não ter desistido e ter me acompanhado pacientemente até aqui. Ao mestre Cléber Nelson Dalbosco pelo apoio e pelas boas risadas. Aos colegas da FAC, em especial Sandra e Danrlei, tornaram mais fácil essa jornada, e finalmente, a Laila Cole Varela, que tem sido a calma para o meu coração. A todos, o meu mais sincero agradecimento.

**EPIGRAFE**

Attacking once more now with twice as much strength  
We conquer then move on ahead  
(Slayer – Evil has no boundaries)

## RESUMO

Esse trabalho de conclusão do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo, compreende a análise do fenômeno registrado no documentário Global Metal, onde jovens picharam muros no Irã com o nome da banda norte americana Slayer ocasionando o confronto com a cultura ocidental, considerada diabólica pelos líderes religiosos, presentemente, no país. Através de pesquisa e análise bibliográfica, esse trabalho demonstra o contexto em que estão inseridos os personagens e de que forma ele pode ser explicado pela teoria de Marshall McLuhan, que demonstra o quanto a influência de um meio pode ser impactante na cultura e na sociedade em que é inserido. Os Meios, quando extensões do homem, são pontes entre culturas na formação da Aldeia Global. Não podendo assim serem vistos como meros agentes do trânsito de informação global, mas sim como personagens ativos das mudanças e derrubada de barreiras físicas. Os meios e suas mensagens são a ponte entre Ocidente e Oriente, e a internet é o símbolo da ruptura da barreira entre as culturas.

McLuhan; Slayer; Irã; Islamismo; Mídia como Extensão do Homem; o Meio É a Mensagem; Cultura Ocidental.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>1. O IRÃ</b>	<b>9</b>
<b>2. A BANDA</b>	<b>21</b>
<b>3. O MEIO É A MENSAGEM, E TAMBÉM UMA EXTENSÃO DO HOMEM</b>	<b>30</b>
<b>4. GLOBAL METAL</b>	<b>34</b>
<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO</b>	<b>40</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>42</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>43</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>45</b>
<b>Anexo 1. Entrevista de Slayer com Tortaul</b>	<b>45</b>
<b>Anexo 2. Entrevista dada pelo Guitarrista Kerry King para Adam McKibbin</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho, motivado pelo interesse despertado pelo documentário canadense *Global Metal*, produzido pelo antropologista canadense Sam Dunn, e pelo diretor de cinema Scot McFayden, que mostra a cultura *heavy metal* ao redor do mundo, busca compreender e analisar o fenômeno apresentado no mesmo e a possível influência exercida pelas teorias de comunicação no processo de transformação cultural.

Nesse documentário, que mostra jovens de diferentes culturas unidos sob a bandeira do *heavy metal*, é apresentado um fenômeno cultural onde jovens iranianos picharam o nome da banda americana Slayer nos muros do país Irã, regido hoje por um governo teocrático islamista.

Por isso, esse trabalho apresenta o contexto cultural do país em que estão inseridos esses jovens e o histórico por trás desse cenário onde ocorre o fenômeno. Será exposta também a banda e suas características. Buscando dessa forma conhecer um pouco da história da mesma e de que forma ela se tornou parte importante do fenômeno.

Dentro desse trabalho, será abordado o questionamento sobre como uma banda que faz parte do *mainstream* da música ocidental conseguiu chegar até os jovens iranianos e motivá-los a marcar os muros dessa forma. Também busca-se responder qual o papel da banda dentro desse cenário e por que esse fenômeno causa tanta admiração

Para discutir e procurar explicar esse questionamento, analisaremos o papel do *heavy metal*, representado pela banda Slayer, como meio e participante do processo de globalização, que conseguiu atravessar o isolamento cultural imposto pelo governo teocrático islamista no Irã, através da teoria de Marshall McLuhan. Busca-se ainda, compreender e identificar qual o meio utilizado pelo *heavy metal* para atingir esses jovens do oriente médio e de que forma o Slayer conseguiu conquistar fãs em um país tão distante física e culturalmente.

A importância desse trabalho se deve ao fato de que pouco se tem discutido sobre o papel dos meios no processo de mudança social e também no que tange a influência do *heavy metal* na quebra de paradigmas sócio-culturais representados por essa música.

Como forma metodológica, será utilizada a análise bibliográfica e descritiva da obra de Marshall McLuhan, da biografia da banda Slayer, escrita por Ian McIver, e também do documentário *Global Metal*.

Esse trabalho está dividido em quatro capítulos principais que abordarão: O contexto histórico do Irã e a proibição da cultura ocidental dentro de seu território; A trajetória da

banda Slayer, sua colocação no cenário musical, o porquê de ela ser tão impactante e importante dentro do fenômeno registrado; a teoria de McLuhan e as formas em que ela se encaixa no fenômeno para a compreensão do mesmo e por fim o documentário Global Metal, que registrou o fenômeno, o contexto daqueles que o compõe, seguidos por fim, pela discussão sobre o tema.

## 1. O IRÃ

Segundo o perfil presente no site da BBC (2015), Irã tornou-se uma república islâmica teocrática em 1979, quando a monarquia pró-ocidente foi derrubada e os clérigos assumiram o controle político sob o comando de um líder supremo, o aiatolá Khomeini.

A revolução iraniana pôs fim ao reinado do Xá Mohamed Pahlavi, que era o monarca que reinava sobre território persa. O reinado do monarca durou de 1941, quando o exército dos Aliados invadiu o Irã e forçou seu pai a ceder o trono em seu favor (CARTA NA ESCOLA, 2010.p.28), até 1979, quando seu reinado, especialmente ditatorial a partir dos anos 70, foi deposto pela revolução liderada pelo aiatolá Khomeini diretamente da França, onde o mesmo se encontrava exilado desde os anos 60 por ter afrontado o governo dito corrupto do então governante Reza Pahlevi..

Nesse período, o Xá, em conluio com os Governos Americano e Reino Unido, em troca de petróleo e para que pudesse manter sua ditadura (CARTA NA ESCOLA, 2010.p.29), havia alienado as forças religiosas, políticas e forças populares com o intuito de fazer valer o seu programa de modernização e ocidentalização, aplicando pesada repressão aos dissidentes, formados em sua maioria por clérigos xiitas e defensores de um governo mais democrático.

Durante os 37 anos em que se manteve no poder, o governo do Xá Mohamed Pahlevi foi marcado pelo autoritarismo e pela perseguição aos líderes religiosos no país. Fortes laços com o ocidente, que envolviam a troca de petróleo por armamentos, reformas impopulares e corrupção interna marcaram esse período. Ainda que o objetivo fosse tornar o país em uma potência militar e econômica no oriente-médio, a situação econômica da maior parte da população ia de mal a pior. Com falta de ofertas de trabalho, abusos dos direitos humanos e uma inflação crescente apesar da alta no valor do petróleo, a população começou a se revoltar com a brutalidade da polícia política do monarca, o *Savak*, que reprimia toda e qualquer manifestação de descontentamento ou pela censura ou por meios físicos.

Em meados dos anos 70 na cidade de *Qom*, principal centro religioso do Irã, foi que os clérigos xiitas, a maior facção islâmica dentro do Irã, seguida por cerca de 93% da população, sendo que os outros 7% são preenchidos por integrantes da facção sunita e outras minorias das religiões abraâmicas, judaísmo e cristianismo; juntamente com a alta burguesia e a elite comercial, iniciaram um movimento que exigia democratização do país e mais liberdade econômica, já que os comerciantes se ressentiam do controle estrangeiro. Quando esse movimento chegou até as regiões industrializadas, os operários e trabalhadores das fábricas

(que eram na maioria estrangeiras já que havia uma espécie de facilitação por parte do governo corrupto, além da oferta de combustível barato), começaram a se organizar para um levante pela democracia e contra o imperialismo.

Segundo O texto “A Revolução Iraniana. Aqueda da dinastia Pahlavi”, do estudioso Frank Smitha, publicado no seu site, o Xá Pahlevi tentou coibir essas ações com o poder da polícia, que havia se tornado tão violenta que os assassinatos misteriosos envolvendo os líderes religiosos e pessoas próximas a eles foram atribuídos a eles. Entre os assassinatos atribuídos a eles está o de Mustapha, o filho do aiatolá Khomeini, encontrado morto no final de outubro de 1977 em sua cama na cidade de Najaf.

Em janeiro de 1978, 4000 estudantes religiosos pedindo pela retomada da liberdade se foram confrontados pela polícia, que apontando suas armas a eles foi desafiada pelos manifestantes a atirar; e atirou. Naquele dia, morreram entre 10 e 70 manifestantes, e apesar do aumento da repressão, preparado para amedrontar e intimidar a população, começou ali a queda da monarquia.

Khomeini, o proclamado aiatolá (o maior conhecedor da lei islâmica), do exílio no Iraque clamou por demonstrações de luto pelos manifestantes mortos, os clérigos e também líderes seculares chamar ao público para que se mantivessem afastados do trabalho. O sentimento dos manifestantes, em sua maioria pessoas pobres, era de raiva. Nesse período eles atacavam cinemas que exibiam filmes considerados lascivos, lojas de bebidas e bancos, coisas que segundo eles feriam os princípios do Islã. Aos gritos de “morte ao xá”, eles atacavam bancos, acreditando ser o equivalente a atacar os ricos, e estes por sua vez os culpados pela situação em que se encontravam.

Percebendo que seu poder diminuía na proporção em que aumentava a repressão na tentativa de manter o poder, e sem o apoio do presidente americano Jimmy Carter, que havia diminuído ao máximo o contato com governos ditatoriais em prol dos direitos humanos, numa tentativa equivocada de reprimir esses protestos e levantes que continuavam, o xá declara lei marcial.

Mas nesse período aconteceu um dos fatores que favorecem as revoluções: alguns membros da polícia começaram a se recusar a confrontar os manifestantes, e membros do exército também se recusava a abrir fogo contra os mesmos, sendo que a ordem de Pahlevi aos militares era a de atirar para matar.

No dia seguinte a declaração da lei marcial, uma multidão de pessoas se reuniu na praça Jaleh na capital para uma manifestação religiosa. Os militares então ordenaram que as pessoas se dispersassem, e como foram ignorados e o protesto continuou, eles abriram fogo.

Os manifestantes, tanto os islamistas quanto os esquerdistas e direitistas laicos, eram atacadas por tanques e helicópteros armados que tentavam levar os manifestantes para fora da área da cidade. Barricadas foram erguidas em torno da cidade, e os manifestantes se armaram, se utilizando até mesmo de coquetéis Molotov.

As fontes não são unânimes ao descrever o número de mortos, algumas falam de centenas e outros de milhares, mas concordam que esse dia, 8 de Setembro de 1978, sexta-feira, posteriormente conhecido como “*Black Friday*”, foi o ponto crucial de não retorno para a revolução e do cessamento de qualquer possibilidade de reconciliação entre governo e manifestantes.

Khomeini, que estava nesse período no Iraque, fomentava a derrubada do Xá, que por sua vez, intercedeu a Saddam Hussein para que expulsasse Khomeini do Iraque. Khomeini então foi para Paris, de onde ordenava que as pessoas parassem de trabalhar, o que colapsou o país e levou o Xá a uma grande depressão.

Em janeiro de 1979, o xá deixou o país sob o pretexto de férias, os Estados Unidos tentaram manter o primeiro-ministro Chapour Bakhtiar no cargo, mas Khomeini o acusava de traidor e de ter sido conivente com essa indicação ao cargo. Bakhtiar permitiu então o retorno de Khomeini ao Irã, que depois de quase 15 anos de exílio foi recebido, segundo registro da mídia (BBC, 2005), em triunfo por 1500 líderes políticos e religiosos no terminal enquanto uma multidão de 5 milhões lotava as ruas da capital para comemorar o retorno do *Ayattollah* (o sinal de Alá). A procissão de Khomeini deveria ir a Teerã mas pela enorme quantidade de pessoas presente eles tiveram q se dirigir ao Cemitério dos Mártires, uma área mas afastada, onde cerca de 250.000 pessoas se reuniram para ouvir o discurso do aiatolá.

These people are trying to bring back the regime of the late Shah or another regime. I will strike with my fists at the mouths of this government. From now on it is I who will name the government. (AIATOLÁ KHOMEINI, no discurso do Cemitério dos Mártires) (BBC, 2005. Acesso em: 05/06/2015)<sup>1</sup>

Do contrário do que pensaram os membros laicos da revolução, o poder e a influência do aiatolá não seriam facilmente subjugados. Com o apoio da população, das facções armadas e dos *Ulemás*, Khomeini começou então a “limpeza” do país.

---

<sup>1</sup> Essas pessoas estão tentando trazer de volta o regime do falecido Xá ou outro regime. Eu vou atacar com meus punhos a boca desse governo. De agora em diante, EU sou quem nomeará o governo. (tradução livre do autor)

Durante o mês de março, Khomeini começa a estabelecer as novas diretrizes da teocracia islâmica, banindo costumes ocidentais como cinema e vestuário. As mulheres estavam banidas do governo e também de todos os órgãos e instituições públicas e privadas. Assim como também foram banidos os não islâmicos. Segundo ele, esses eram os responsáveis pela corrupção existente no governo. Homens e mulheres deveriam ser segregados enquanto em ambientes públicos. Baniu ainda o álcool e os jogos envolvendo apostas.

Khomeini declara que a música corrompia a juventude (SMITHA,2015), e enquanto no ocidente a música apresentava novos estilos e um *boom* comercial, no Irã ela era banida de toda programação televisiva e radiofônica. Além de banir a música, Khomeini manda fechar também cerca de 20 jornais opositores ao movimento.

Depois de anunciar a volta dos castigos físicos a quem violasse os preceitos da Lei islâmica e da pena de morte, o aiatolá declara passível da punição com morte os homossexualismo, prostituição, marxismo, corrupção e membros de outras igrejas.

Após esse anúncio, o governo cerca os antigos amigos, colegas, generais e demais membros do governo do Xá e os executa para que não espalhassem essa notícia para os que estavam detidos. Khomeini ignora os protestos internacionais dizendo que os criminosos não devem ser corrigidos, e sim mortos.

Com os jornais banidos, a nacionalização de bancos, companhias petrolíferas, grandes indústrias, expropriação de terras e bens de algumas famílias, o regime do aiatolá enfraqueceu a burguesia nacional e banuiu grupos que se opunham ao regime.

Em novembro de 1979, estudantes cercaram a embaixada norte-americana no país, ato visto com certa desconfiança a princípio por parte do aiatolá, mas depois apoiado por Khomeini que declarou os Estados Unidos como o “Grande Satã”, e a sua embaixada no país como um “antro de espões”. Os ocupantes da embaixada tomaram 53 americanos como reféns pedindo uma troca com o governo americano pelo ex-Xá Pahlevi que se encontrava refugiado no país para um tratamento de câncer. A administração do governo Carter se recusou a atender a esse pedido e fez uma tentativa falha de resgate em abril de 1979, porém os americanos permaneceram como reféns.

Segundo publicação do teórico brasileiro Idelber Avelar na edição 85 da revista Fórum, depois da morte de Pahlevi por câncer em julho de 1980, aconteceu a retomada das negociações por parte do regime do aiatolá, que temia que o presidente recém eleito Ronald Reagan fosse mais duro que seu antecessor.

Em janeiro de 1981, 444 dias após o início do cativeiro e dia da posse de Reagan, o Irã concordou em libertar os reféns em troca da liberação dos US\$ 8 bilhões em ativos,

congelados pelo governo Carter em retaliação ao sequestro, e uma promessa dos Estados de retirar as sanções comerciais impostas ao Irã.

A Pérsia, como o Irã era conhecido antes de 1935, (quando no anseio por modernização, o pai de Mohamed Pahlavi, o então Xá Reza Pahlavi, pediu a comunidade internacional que parassem de se referir ao país como Pérsia e passar a nomeá-lo somente Irã (AVELAR, 2015), foi um dos maiores impérios do mundo antigo, resistindo aos impérios Russo e Britânico e nunca tendo sido colonizado.

O país tem mantido por muito tempo uma identidade cultural distinta dentro do mundo islâmico por manter a sua própria língua e aderindo à interpretação xiita do Islã tanto para o seu sistema político e de governo até os perfis cultural e bancário do país.

Nas palavras presentes no site do sucessor de Khomeini e atual líder supremo, Khamenei, ele justifica a revolução como uma forma da retomada do orgulho nacional iraniano:

The event of the Twenty Second of Bahman and the victory of the revolution ushered the end of the humiliation of the Iranian nation. The Iranian nation has been humiliated throughout the centuries; sometimes by the despotic kings, when there has yet been no colonialism, hegemony and foreign infiltration. Some of them were powerful and some weak and inefficient. However, all of them humiliated this nation.<sup>2</sup> (AVELAR, 2015)

O texto continua, e condena e critica ainda as atitudes desses governantes, que espoliaram seu próprio povo e o orgulho nacional em favor dos seus próprios interesses:

If you study the memoirs of some of the kings, their children and princes you will discover that their mentality was that Iran was their property and there were those peasants who worked for them. Those tenants had neither right nor will. So their understanding of nation, country and themselves was such an awfully wrong one. They really thought that this place belonged to them. If a citizen serves and works that would be regarded as his/her duty. Those who fail to do their duties would be considered as insurgents who impair the interests of the powerful and despotic ruler.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> O evento da vigésimo segundo dia de Bahman (11º mês do calendário iraniano\*) e a vitória da revolução marcaram o início do fim da humilhação da nação iraniana. A nação iraniana tem sido humilhada ao longo dos séculos; às vezes pelos reis despóticos, quando ainda se percebia o colonialismo, a hegemonia e infiltração estrangeira. Alguns deles eram poderosos e alguns fraco e ineficientes. No entanto, todos eles humilharam esta nação. (Tradução livre do Autor)

<sup>3</sup> Se você estudar as memórias de alguns dos reis, príncipes e seus filhos você vai descobrir que sua mentalidade era de que o Irã era sua propriedade e havia aqueles camponeses que trabalhavam para eles. Os inquilinos não

Atualmente, os Clérigos no Irã exercem considerável poder sobre a sociedade, sendo que o poder no país se divide em camadas. No topo, temos o *Rahbar*, o líder supremo, sendo este a maior autoridade política e religiosa dentro da república. O chamado *Rahbar*, é eleito pela Assembléia dos Peritos, um órgão eleito pelo povo, formado por clérigos estudiosos do *Faqih*, a jurisprudência islâmica. Segundo a constituição do Irã, as características do líder elegível ao cargo são: primeiramente, um conhecedor do *Faqih*, ser justo, piedoso, ser estimado pela população, ser prudente e corajoso e também demonstrar ser perspicaz política e socialmente.

Os poderes do *Rahbar*, que segundo a constituição islâmica também são deveres, estendem-se desde nomear os chefes dos poderes judicial, militar e de segurança, até nomear metade dos 12 membros do Conselho dos Guardiães, que correspondem no Irã ao equivalente do Supremo Tribunal Federal brasileiro.

Esses seis eleitos pelo líder supremo são teólogos, ou *Ulemás*, teólogos versados nas leis e na religião islâmicas que detém um grande poder dentro da tradição xiita do Islã. Esses *ulemás* são membros do clero islâmico, podendo ser designados: *Mufti*, os acadêmicos capazes de interpretar a *Shariah* (a lei islâmica) e emitir pronunciamentos legais contendo a interpretação da *Shariah* em casos onde a *Fiqh* (jurisprudência) não é clara o suficiente, as chamadas *Fatwas*. Os *Qadi*, que são os juízes muçulmanos, os que efetivamente aplicam a *shariah*.

E os *Alfaqui*, que são os cientistas políticos do islamismo, os especialistas na *fiqh*, a ciência do direito islâmico. Além desse poder, ele também é o Comandante Supremo das forças armadas do país, e é o detentor da palavra final na política externa e nas questões relativas a guerra e paz. Todo esse poder lhe confere uma grande influência no processo eleitoral, processo esse que é iniciado quando o mesmo assina o documento que registra a eleição, pelo povo, do Presidente do país. Podendo ainda destituí-lo caso acredite que o mesmo não estiver governando de acordo com a constituição.

Em 2002, após os atentados de 11 de setembro assumidos pelos radicais islâmicos do grupo *Al Qaeda*, o presidente dos EUA, George W Bush declarou o Irã como parte de um

---

tinham nem direito nem vontade. Assim, sua compreensão da nação, país e deles mesmos foi terrivelmente errado. Eles realmente pensavam que este lugar pertencia a eles. Se um cidadão serve e trabalha, esses seriam considerados como dever dele ou dela. Aqueles que não conseguiam fazer seus deveres eram considerado como insurgentes que prejudicavam os interesses do poderoso e despótico governante. (Tradução livre do Autor)

"eixo do mal". Enquanto o sucessor de Bush, Barack Obama, suavizou seu tom, Washington continua a acusar o Irã de tentar desenvolver armas nucleares.

O Irã, que construiu sua primeira usina atômica - em Bushehr, no sul do país - com a ajuda da Rússia, negam intuito militar e dizem que suas ambições nucleares são pacíficas. Mahmoud Ahmadinejad, que foi presidente entre 2005 e 2013, insistiu que o Irã tem um "direito inalienável" de produzir combustível nuclear, demonstrando com esse comentário que o que aconteceu durante o período de parceria entre Irã e potências ocidentais, onde essas exploravam os combustíveis do país, não irá se repetir.

Em 2010, as Nações Unidas votaram para impor uma quarta rodada de sanções contra o Irã sobre a questão. Dois meses depois, Teerã anunciou que os engenheiros tinham começado combustível carregado na usina de Bushehr e descreveu este como um marco na unidade do país para produzir energia nuclear.

Abordando economicamente, o país tem uma abundância de recursos energéticos - reservas substanciais de petróleo e reservas de gás natural perdendo apenas para as da Rússia. Apesar do Irã deter 9% das reservas mundiais de petróleo, um déficit crítico em empregos atinge os jovens do país, e as sanções internacionais têm afetado a economia como um todo (COGGIOLA, 2015).

Apesar de estar sendo liderado por uma elite clerical altamente conservadora desde a revolução iraniana de 1979, o Irã parecia estar entrando em outra era de transformação política e social com a vitória dos liberais nas eleições parlamentares em 2000. Mas os reformistas, mantidos na defensiva política pelos conservadores islamistas, não conseguiram levar adiante de forma satisfatória suas promessas.

O apoio do ex-presidente Mohammad Khatami por maiores liberdades políticas e sociais se tornou popular entre os jovens - um fator importante, já que cerca de metade da população iraniana tem menos de 25 anos, ou seja, não viram a derrubada da ditadura. Mas suas ideias relativamente liberais colocá-lo em desacordo com o líder supremo, o aiatolá Khamenei, e com a linha dura de políticos relutantes em perder de vista as tradições islâmicas estabelecidas. E nas palavras de Warren Nelson, para a revista *Istoé* em 1999: “Apesar de não querer massacrar o povo, também não controla o país, não tem o poder absoluto de Khamenei”. (1999, *apud* MELLO; FORGANES)

As eleições de Junho de 2005, impactaram os reformistas, quando Mahmoud Ahmadinejad, prefeito ultra-conservador de Teerã, tornou-se presidente. Após a controversa reeleição de Ahmadinejad em junho de 2009 e da repressão violenta aos protestos da oposição

após isso, o abismo entre conservadores e reformistas dentro do cenário político do Irã ficou ainda maior.

As esperanças de um engajamento mais frutífero com o resto do mundo levantou-se com a eleição do auto-proclamado moderado Hassan Rohani à presidência em 2013, e um acordo para restringir o enriquecimento de urânio em novembro viu a retirada de algumas sanções por parte da ONU e da União Europeia. Mas internamente, o país continua profundamente dividido.

Enquanto o mundo ocidental tem formada a imagem que o Irã é um país retrógado, em grande parte devido aos moldes teocráticos adotados pelo país, os visitantes recentes tem reportado um novo ângulo sobre o país. Apesar de não ter deixado de ser um país governado pelos islamistas, o Irã tem demonstrado, principalmente nas grandes cidades há uma onda crescente de sentimentos pró-Occidente.

Em publicação recente no portal UOL (2015), Erich Follath, um jornalista alemão que visita frequentemente o país desde a época dos Xás, conta que assim como viu uma nação receber o aiatolá Khomeini como salvador, também viu a ilusão de liberdade criada com a derrubada do Xá ser quebrada aos pedaços com ascensão da nova ditadura. Ditadura essa que pregava guerra ao “Grande Satã” Estados Unidos e ao “Pequeno Satã”, Israel. O primeiro, por “desvirtuar a juventude iraniana”, e o segundo por ter traído o país e a religião co-irmã. Uma guerra cultural que se estendeu das ideologias às armas.

Depois de Ahmadinejad, ultra-conservador, o Irã elegeu um presidente considerado moderado, Rouhani, que busca uma maior aproximação entre o Irã e o ocidente, procurando assim recuperar a economia e por assim dizer, a posição de destaque em meio a tantos países radicais islâmicos ao seu redor.

Ainda há restrições quanto a exibição televisiva de conteúdo produzido pelo ocidente, assim como permanecem banida nas rádios a execução de música ocidental. Mas com a ajuda de parabólicas ilegais e redes de internet idem, os jovens do país, que frequentam aos milhares as universidades do país, tem consumido de forma consideravelmente fácil o conteúdo disponibilizado pelo ocidente.

[...] O papel da religião está em declínio. As pessoas aqui consideram os mulás corruptos e são objeto de desprezo. Amigos me disseram para evitar ficar ao lado de um clérigo usando turbante e túnica quando chamar um táxi. Segundo eles, os motoristas não param. E apesar de muitas mesquitas estarem vazias, as catedrais de consumo do país, os novos shopping centers, estão lotadas. O pensamento coletivo

atualmente é ridicularizado e o individualismo está em voga. (ERICH FOLLATH, para o portal UOL. Abril 2015)

Na sequência do relato, Follath (2015), diz ainda que apesar da mulher continuar sendo discriminada na sociedade iraniana, elas já tem uma “rebeldia” mais explícita. Usam turbantes coloridos e até mesmo puxam eles até deixarem a mostra seus cabelo, um ato proibido segundo o clero.

Depois da, nas palavras do jornalista, impiedosa ação de repressão aos protestos estudantis de 2009, os antigos companheiros de armas de Khomeini se viram profundamente abalados e perdendo o controle. Segundo entrevista dada ao jornalista, um destes membros do clero, o grão aiatolá Hossein Ali Montazeri admite: “devido aos nossos excessos nós perdemos o respeito do mundo”. Apesar de terem perdido o respeito eles ainda não perderam o poder, já que Khamenei continua tendo um poder maior que o do próprio presidente.

Apesar de não terem liberdade real, a pouca liberdade que dispõe é aproveitada de modo festivo dentro de suas casas. As pessoas já não aparentam mais viverem em estado de miséria, mas mesmo assim, com a moeda desvalorizada e uma inflação considerada alta, há um grande sentimento de insatisfação. Não só para com os aiatolás e *Mulás*, que abusam do seu poder e de sua posição política para decretar sentenças de mortes frequentes, mas também para com o governo, que apesar de estar se realinhando ao resto do mundo ainda não apresentou mudanças que melhorassem diretamente a qualidade de vida da nação em geral.

Segundo as palavras presentes no site do líder supremo, a influência ocidental, especialmente a dos Estados Unidos, é uma tentativa do governo, que falhou na imposição pela força e que pretende reestabelecer a posição de colônia ao povo iraniano, para que possam então ter mais aberturas ao mercado iraniano e explorar o “ouro negro” do país, o petróleo:

The happenings of the recent years and the enemies' resort to the use of the language of threat and the threat to attack imply a good omen from one viewpoint. Needless to say, their political, security and propaganda activities did not make them reach their goals. Had they reached their goals through politics, propaganda, widespread news coverage, and all the tricks they knew about they would have not resorted to expensive methods. Military encounter is a very expensive and dangerous way for any country. The fact that they have made their tone harsh and the president of the United States speaks in such a way against Iran, our nation and the system of the

Islamic Republic proves that they have failed in their political, propaganda and security methods.<sup>4</sup> (KHAMENEI, 2015)

É como se a cultura Americana fosse fazer o povo aceitar de forma servil e inferiorizada a influência do governo sobre a economia do país. Como se fossem subjugar, com a sua cultura “inferior” e “imoral”, a sociedade iraniana e a sua independência conquistada com tanto sacrifício. É como se fosse um meio de propaganda contra o Islã, onde o objetivo dos americanos é estabelecer uma nova hegemonia nos moldes atuais de “guerra intelectual”.

Their aim of such activities is to re-establish their former closed-down merchandise. They want to reset their illegitimate and hellish hegemony and domination on the Iranian nation and country according to the conditions of the new age. They hope to frighten the officials of the Islamic Republic; they hope to make a division among them; they hope to promote uncertainty and instability among people.<sup>5</sup> (KHAMENEI, 2015)

O que fica evidente, na sequência do relato do jornalista Erich Follath, é que quem está promovendo essa divisão entre o povo iraniano é justamente o governo islamista e a sua resistência em manter o Irã culturalmente isolados do mundo.

Apesar do grande consumo de conteúdo ocidental, vide a crescente audiência de grandes agências de notícias internacionais como por exemplo a BBC, que quase dobrou a audiência no país em 2013 (HORROCKS, 2013), ainda há pequenos detalhes que demonstram que independentemente de consumir conteúdo externo e absorvê-lo, o povo iraniano ainda tem, e demonstra com fervor, o orgulho que tem da sua cultura.

Apesar de não poderem consumir abertamente o que é feito de bom pelos próprios iranianos fora do país, como o diretor Jafar Panahi, condenado a 20 anos de prisão domiciliar

---

<sup>4</sup> Os acontecimentos dos últimos anos e o recorrer dos inimigos ao uso da linguagem da ameaça e da ameaça de atacar implicam um bom presságio de um ponto de vista. Desnecessário será dizer que as suas atividades políticas, de segurança e de propaganda não fizeram eles alcançar seus objetivos. Se eles tivessem alcançado seus objetivos através da política, propaganda, cobertura de notícias generalizada, e todos os truques que eles sabiam sobre isso eles não teriam recorrido a métodos caros. Encontro militar é uma maneira muito caro e perigoso para qualquer país. O fato de que eles fizeram seu tom áspero e o presidente dos Estados Unidos fala de tal forma contra o Irã, nossa nação e o sistema da República Islâmica prova que eles falharam em sua política, propaganda e métodos de segurança. (Tradução livre do Autor)

<sup>5</sup> Eles tem por objetivo com essas atividades reestabelecer a sua negociação encerrada. Eles querem redefinir sua hegemonia e dominação ilegítima e infernal ao país e à nação iraniana de acordo com as condições da nova era. Eles esperam assustar os funcionários da República Islâmica; eles esperam fazer uma divisão entre eles; eles esperam promover incerteza e instabilidade entre as pessoas. (Tradução livre do Autor)

por ter feito campanha contra o presidente Mahmoud Ahmadinejad. Proibido até mesmo de rodar novos filmes, ele fez às escondidas o documentário “Isto Não é um Filme” e a ficção “Cortinas Fechadas”, que ganhou o prêmio de melhor roteiro no Festival de Berlim 2013, e outros tantos indicados nos festivais de Cannes e ao Oscar nos últimos anos, todos nutrem e são ensinados desde pequenos, a respeitar a cultura ancestral persa e sua história, que, segundo eles mesmos, era superior aos vizinhos do Irã e tão digna de notabilidade histórica quanto a de Roma e Atenas. Mesmo com esse sentimento interno de orgulho, repetidas vezes o jornalista foi confrontado com a ideia de que o Ocidente ignora esses fatos sobre o Irã, tratando-o como se fosse um país de terceira classe.

Apesar de toda restrição em volta da mensagem do “Grande Satã”, em Teerã, a cidade mais liberal do país, essa mensagem é consumida com voracidade. Cidadãos vivem uma vida dupla, duplicidade essa que fica explícita em pequenos atos de rebeldia, como por exemplo a preocupação com a moda e maquiagem por parte das mulheres, que exibem unhas pintadas e mechas de cabelo em plena luz do dia. Atos que incluem música e dança, passeios de mãos dadas em vias públicas e outras pequenas ilegalidades toleradas até mesmo pela ameaçadora polícia religiosa, que continua andando armada de metralhadoras e chibatás.

Conteúdos e meios de acesso à cultura ocidental são distribuídos por debaixo dos panos, até mesmo literalmente, como no caso das antenas parabólicas que muitas vezes são camufladas dentro das tendas. A Música ocidental é distribuída e avidamente consumida pelos jovens, que como mostrado no documentário *Global Metal*, de 2008.

Essa juventude insatisfeita com o regime dos aiatolás, que a cada dia perdem a “guerra pela alma” desses jovens, que encontram no meio de seu tempo livre arduamente conquistado entre estudos, empregos e a vida de um país isolado do mundo, tempo para a troca e compartilhamento do material “profano” que encontram na internet ou que é produzido por eles mesmos, já que a globalização conseguiu através dos meios de comunicação (ainda que ilegais), perfurar o bloqueio ideológico imposto pelo clero.

Aproveitam ainda a facilidade de busca por informações trazida pela internet e também a relativa liberdade de consumo de cultura nos países vizinhos, onde a coibição não é tão exagerada, para compartilhar experiências e se fazerem efetivamente membros da “globalização”. Com um pouco de vergonha, os jovens admitem, e pedem desculpas as bandas, que se não fosse a pirataria facilitada pela internet, eles não teriam acesso a esse conteúdo. Eles se manteriam isolados desse conhecimento.

No documentário sobre a difusão da cultura do *heavy metal*, *Global Metal*, Lars Ulrich, baterista da banda americana de *thrash metal*, Metallica, que já teve uma opinião bem

dura contra a divulgação “gratuita” das músicas na internet<sup>6</sup>, é ótimo que essa maneira de compartilhar e trazer tudo para perto, de tornar a música global. A questão da internet agora é fazer que os “garotos” ao redor do mundo consigam alcançar através dela a música, e ver isso acontecendo é uma coisa maravilhosa<sup>7</sup>.

Entre partidas de futebol, considerado futilidade pelo governo, garimpos por cultura ocidental vinda de revistas e visitas aos festivais de música que ocorrem na Turquia e em Dubai, o *Desert Rock*, alguns jovens encontraram um meio diferente de afrontar a polícia religiosa: já que cabelo comprido e camisetas de banda são considerados “adoração a Satã” e “anti-moralistas”, eles resolveram pichar as paredes com o nome de uma banda. Banda essa, que só pelo conteúdo das letras já vai contra tudo o que pregam os aiatolás, uma banda de “adoradores de Satã”, que é como são chamadas as bandas de metal pelos religiosos, uma banda oriunda do “Grande Satã”, a banda americana de *thrash metal* *Slayer*, que será apresentada no próximo capítulo.

Nesse capítulo foram observados partes importantes da história recente da história do Irã. Fatos históricos e políticos que transformaram um império monarquista despótico em uma república teocrática islamista idem. Transformação que ocorreu através da união entre forças políticas, religiosas e sociais em favor da democracia no país. Apesar desse objetivo ter sido atingido, percebeu-se no decorrer do capítulo que essa democracia capitaneada pelo clero islâmico e suas leis religiosas não tem deixado a população satisfeita. A população apresenta descontentes, pessoas que se sentem revoltada com as dificuldades financeiras que atingem as massas menos abastadas da população devido à sanções e restrições econômicas que são impostas pelos países do ocidente, restrições que, mesmo em um país repleto de universitários e pessoas bem graduadas, mantém o ritmo econômico em marcha lenta.

Percebe-se ainda através do capítulo o anseio da população iraniana por poder consumir de forma mais aberta a cultura ocidental. Mais que somente consumir a cultura proveniente dos países ocidentais, eles querem se tornar parte da globalização. Acompanhar em tempo real a cultura global que se espalha de maneira tão fluída na maior parte do mundo.

---

<sup>6</sup> Em 2000, o Metallica descobriu uma demo da sua canção "*I Disappear*", que na altura estava incompleta, e todas as restantes músicas da banda, disponíveis para download na Napster. A banda iniciou ações legais contra o Napster, exigindo que trezentos mil utilizadores que estavam compartilhando a canção fossem banidos da rede. Ações legais também foram iniciadas contra a Universidade de Yale, do Sul da Califórnia e a Universidade de Indiana, por não bloquearem o Napster em seus campi. No ano seguinte, ambas as partes concordaram em um acordo fora dos tribunais que levou ao bloqueio de contas de utilizadores do Napster, e a banda não iniciou ações legais contra indivíduos por violação de direitos autorais.(WHIPLASH, 2000)

<sup>7</sup> Em entrevista para a revista Rolling Stone: “Nós apenas queríamos controlar o que estava acontecendo com a nossa música, porque foi isso que sempre fizemos”, disse Ulrich, explicando a posição da banda na época. “Acabou se tornando o Metallica contra seus fãs, o que nunca foi o objetivo.” (BYS, 2012)

Os jovens encontram a própria forma de mostrar sua rebeldia, e pequenos atos de rebeldia contra o governo são cada vez mais comuns, para cada programa assistido nas parabólicas camufladas no interior das tendas, os membros do clero, mesmo detendo ainda o poder político no país, vêem o seu cabresto sobre a população afrouxar cada vez mais.

Concluindo o capítulo, os dados apresentados mostram que enquanto de um lado o governo continua tentando impedir o acesso das pessoas à informação, eles dão motivos à juventude que busca através da busca por cultura extravasar seu sentimento de revolta e não-conformismo com a situação do país e seu governo. O capítulo mostra ainda que uma das formas de catarse dos iranianos tem sido o gênero *heavy metal*, que apesar de ser especialmente proibido no país, tem encontrado meios de se desenvolver. A cena *underground* iraniana é inspirada particularmente por uma banda originária dos Estados Unidos, inimizada declarada do regime islamista. A banda californiana de *thrash metal* Slayer. Que tem, através nesses iranianos fãs de *metal*, uma parcela importante no movimento de contracultura no país.

Essa é a base geral da proposta do capítulo, que busca demonstrar e conhecer melhor o país que é cenário do fenômeno da quebra de paradigmas e barreiras através da música como meio de expressão e comunicação entre culturas.

## 2. A BANDA

Segundo Joel McIver, autor do resumo biográfico intitulado *The Bloody Kingdom of Slayer* (2007), traduzido no Brasil por Marcelo Viegas, e que é a base referencial para este capítulo, o Slayer foi formado em 1981, na cidade de Huntington Park, no condado de Los Angeles na Califórnia, quando o guitarrista Kerry King encontrou Jeff Hanneman enquanto faziam audição para uma outra banda. Na época, Kerry King já tocava a três anos, enquanto Hanneman estava ainda no seu primeiro mês de aprendizado. Os dois se juntaram e tocaram alguns covers de *Iron Maiden* e *Judas Priest* junto com o baterista da banda para a qual eles fizeram o teste anteriormente.

O baterista Dave Lombardo, que tinha abandonado a escola em favor da música, seguindo um conselho de seus próprios pais, encontrou trabalho em um delivery de pizza, onde durante uma dessas entregas foi recrutado por King quando foi entregar uma pizza para ele, naqueles dias King era conhecido com o “traficante de guitarras” (p. 30) e nesse breve encontro eles conversaram sobre guitarras e King descobriu que Dave tocava bateria e passou uma lista com algumas músicas que ele sabia tocar na guitarra, Dave a princípio se admirou com o tamanho da lista mas foi para casa e no dia seguinte eles se reuniram para tocar e alguns ensaios depois Kerry trouxe então Jeff Hanemman.

Com um baterista e dois guitarristas a postos faltava somente o vocalista. Kerry King liga então para Tom Araya, com quem tinha tido uma breve experiência anterior na banda Quits, banda essa liderada por Araya e na qual também tocava o professor de guitarra de King. Após o término dessa banda (2 shows depois da entrada de Kerry King), Tom fez um curso técnico de terapeuta respiratório e enquanto e testes para vocalista em outras 2 bandas. Quando Kerry King ligou procurando por um vocalista, Tom só perguntou quais músicas eles estavam tocando e King mandou uma lista com as músicas que eles iriam tocar. Araya conhecia todas, exceto as do *Iron Maiden*. Araya conta que o mais pesado que tinha ouvido até então era *Van Halen*, por isso foi até a loja e comprou o disco com as músicas que precisava aprender e em uma semana todos se reuniram na casa dele para ensaiarem. Como o ensaio correu sem problemas, Araya disse: “Estou dentro” (p. 30).

A banda começou tocando versões cover de Iron Maiden e Judas Priest em escolas, clubes e festas no sul da Califórnia. O Slayer percebeu ainda cedo que poderia ser só mais uma banda dentre tantas outras que tocavam nos subúrbios de Los Angeles. Além de organizarem e divulgarem seus próprios shows de forma independente, desde alugar o local

até pular os muros das escolas para colar panfletos nos armários e sair pelas ruas com um megafone anunciando a data e o local dos shows (p.34), os integrantes procuraram então criar uma identidade, um “nicho visual” (p. 32), começaram usando iluminação e pequenos efeitos de pirotecnia. Seus shows baseavam-se em uma imagem satânica, que incluía pentagramas, maquiagem, espículas e cruzes invertidas.

Eis que uma nova vertente do NWOBHM (*New Wave Of British Heavy Metal*), trazida pela banda Venom, um trio de *New Castle* (Inglaterra), começava a se fazer sentir em Los Angeles. Músicas rápidas, guturais e com letras sobre Satã. Músicas que causaram um grande impacto nos garotos do Slayer, que começaram a aplicar essa raiva blasfematória em suas próprias músicas. (pp. 34-35)

Dave Lombardo:

Nós íamos nos chamar Slayer e seríamos tudo aquilo que não fosse Hollywood. Não seríamos garotos bonitinhos e sim os caras feios. Não iríamos escrever sobre festas e sim sobre satanás... Kerry gostou da coisa do satanismo, o Venom (banda) foi uma grande influência e começamos a trabalhar e desenvolver nossas próprias músicas. (LOMBARDO, citado por MCIVER, 2013, p.35)

Ao fim de seis meses de trabalho, onde os integrantes revezavam as atividades da banda com trabalho e escola, o Slayer tinha 10 músicas prontas para serem apresentadas ao vivo (p.35). Durante essa fase da banda, Jeff Hanneman começou a compartilhar sua obsessão pelo movimento punk e a sua velocidade com Dave Lombardo, eles começaram então a aplicar então essa velocidade e agressividade às músicas novas da banda. Aos poucos Tom Araya e Kerry King também aderiram ao estilo e as músicas que já eram pesadas, começaram a ser executadas com mais intensidade (pp. 35-36). Nessa fase é interessante destacar e perceber a fortíssima simbiose entre os melhores elementos da obsessão *hardcore/punk* de Hanneman e a influência *Metal* de King. Essa fusão entre velocidade na guitarra e as levadas de bateria que mais pareciam tiros de tão rápidas e violentas formaram a base do que posteriormente se tornaria a nascente para a cena do metal extremo (pp. 35-36).

Existia um rumor que a banda era originalmente conhecida como Dragonslayer, por um filme de mesmo nome produzido pela Disney em 1981. No entanto, quando King foi perguntado "Como você pôde usar o nome Dragonslayer?", teria respondido "Nós nunca usamos este nome, é um mito daquela época". Provavelmente um dos membros da banda ao

dar alguma entrevista falou “É Slayer, como em Dragonslayer” (p.31). Gerando a partir daí o rumor.

Depois de estabelecer uma rotina regular de shows, o Slayer aos poucos começou a ser notado no cenário musical suburbano. Desde o início, aqueles que iam aos shows notavam que a banda tinha uma forte combinação de força e precisão, o que forneceu a singularidade do Slayer. Fãs de metal já tinham ouvido músicas violentas, e também já tinham ouvido músicas com qualidades técnicas, mas dificilmente já tinham ouvido essas duas coisas juntas. A habilidade precoce de Lombardo na bateria e a precisão da palhetada de King foram as coisas que mais se destacaram no começo: Araya era um baixista mais funcional do que extravagante (embora seu estilo de vocal tivesse sido inovador desde o início), enquanto Hanneman ainda estava melhorando na guitarra, mas num ritmo acelerado. (MCIVER, 2013. P.33)

Junto com a afirmação da identidade macabra da banda e do novo *setlist* de músicas aceleradas com temática satânica, o Slayer conseguiu também o seu primeiro empresário, Steven Craig, que, juntos (a identidade e o empresário), mostraram seu valor no *Woodstock Theater*, em *Anaheim*. Eles fizeram o show de abertura para a banda *Bitch*, de Los Angeles, tocando oito músicas — sendo seis covers. (p. 36) Enquanto tocavam "*Phantom of the Opera*", do Iron Maiden a banda foi vista por Brian Slagel, um antigo jornalista musical que havia recentemente fundado a Metal Blade Records. Impressionado com o desempenho do Slayer, Slagel reuniu-se com a banda no *backstage* e pediu-lhes para gravar uma canção original para a sua próxima compilação, *Metal Massacre III*. A banda aceitou a proposta e criou a canção "*Aggressive Perfection*", o que levou Slagel a oferecer para banda um contrato de gravação com a Metal Blade Records. (p. 37)

Depois dessa primeira gravação de uma música própria e do sucesso da mesma, a banda começou a produzir, a pedido de Slagel, um álbum completo. No segundo ensaio a banda já começou a produzir suas primeiras composições, hoje em dia elas soariam talvez um pouco rock'n'roll comparado ao Slayer atual, mas para a época elas eram chocantes, e já traziam a assinatura característica do Slayer: *riffs*<sup>8</sup> precisos e a característica palhetada (*tremolo picking*<sup>9</sup>) que os acompanha até hoje.

---

<sup>8</sup> Um riff é uma progressão de acordes, intervalos ou notas musicais, que são repetidas no contexto de uma música, formando a base ou acompanhamento. Riffs, geralmente, formam a base harmônica de músicas de jazz, blues e rock

<sup>9</sup> A técnica *tremolo picking*, palhetada *tremolo*, envolve otimizar a velocidade com que se bate nas cordas utilizando a palheta e a alavanca da guitarra ao mesmo tempo. Isso cria um som intenso e fluido, especialmente adaptado para heavy metal e solos virtuosos.

Sem um patrocínio para a gravação de seu álbum de estreia, a banda foi forçada a se autofinanciar. Juntando a poupança de Araya, que trabalhava originalmente como terapeuta respiratório, e o dinheiro emprestado do pai de King, a banda entrou no estúdio em novembro de 1983 (p. 44). O álbum foi apressado para liberação; com apenas três semanas as faixas estavam prontas. *Show No Mercy*, lançado perto do natal de 1983 pela Metal Blade Records, gerou grande popularidade na cena *underground*. Com um som visceral de fúria adolescente, mais de 30 anos depois de lançado, o álbum que foi composto exclusivamente por King e Hanneman ainda continua impactando e influenciando novas bandas. E assim começaram sua primeira tour nacional em 1984 para promover o álbum de estreia viajando em um Camaro de Araya, rebocando um trailer. A tour deu à banda mais popularidade, as vendas do *Show No Mercy* chegaram a mais de vinte mil nos Estados Unidos e mais vinte mil no mundo. Uma explosão de vendas que se confirmou não somente em números mas também na influência que o Slayer exerce até hoje, como confirma o documentário de 2008, intitulado *Global Metal* que será abordado posteriormente. Como pode-se ver no depoimento de Ryan Waste, vocalista da banda contemporânea de *thrash metal* Municipal Waste presente no prefácio do livro:

O Slayer conquistou minha alma quando eu era muito jovem.[...] Fui atraído pela influência tradicional de heavy metal do Slayer combinada com o *hardcore punk* agressivo. É óbvio o efeito que eles provocaram no meu jeito de compor para o Municipal Waste – os andamentos super rápidos de *shred guitar* deles eram bons demais pra não serem imitados, parte por parte. Acredito que quase todas as bandas de *thrash* copiaram o Slayer – embora ninguém tenha conseguido continuar tão diabólico e dominante quanto eles ao longo dos anos. (MCIVER, 2013. P. XIII)

E também no depoimento de Tor Tauil, vocalista da banda brasileira do mesmo gênero Zumbis do Espaço, (anexo 1). Esses depoimentos, em especial o de Tor, demonstram de que forma a publicidade barata oferecida pela comunidade envolvida com a cena heavy metal facilitou a difusão da cultura *heavy metal* e de suas vertentes, transcendendo as fronteiras físicas e também as dificuldades de acesso a informação da época através de trocas de correspondências e *fanzines*, feitos por entusiastas, como por exemplo Bob Nalbaldian, que hoje é editor e apresentador de revistas e programas relacionados ao gênero.

Na Era pré-internet, a rede underground de troca de fitas era a principal forma da nova música se espalhar, alimentada pela publicidade veiculada nos fanzines de metal da época, incluindo *Headbanger*, o zine que Nabaladian publicava a cada quatro meses.[...] A importância da rede de fanzines como impulso inicial na carreira do Slayer não pode ser subestimada. (MCIVER, 2013. p.55)

E hoje continua a atingir jovens dos mais variados continentes, inclusive dos jovens iranianos, que serão apresentados no capítulo 4 que hoje ouvem e difundem a subcultura do gênero *thrash metal*, ainda que isso afronte o sistema religioso e de governo presente no país.

Mas voltando aos anos 80, na contramão de outras bandas da época, inclusive a mundialmente famosa Metallica, o Slayer não se mudou para São Francisco. Pois como o sucesso estrondoso do Metallica na cidade havia deixado todas as outras bandas da região como coadjuvantes, isso significava que Los Angeles agora estava a mercê do Slayer (p. 43).

Cercado por bandas de metal farofa (cabeludos arrumadinhos tocando *Glam Metal*), o Slayer, com seu crossover (*hardcore/punk*) inspirado nas influências trazidas por Hanneman, suas palhetadas rápidas e o bumbo duplo, logo conquistou uma audiência punk. Tornando o Slayer a única banda na época a conseguir reunir no mesmo lugar os punks e os *headbangers*. Característica essa que marca o perfil da audiência do Slayer até hoje. Essa capacidade de reunir em um mesmo público diferentes perfis de ouvintes, de “*thrashers*” cinquentões até adolescentes que estão descobrindo seu gosto musical, de punks a fãs de black metal, de motociclistas cabeludos a skatistas (p. 43).

O que os fãs de metal esperavam dos seus ídolos na época (e esperam até hoje) era escapismo, violência e ambição, o que significava letras épicas e fantásticas. Não havia espaço para temas políticos que entraram cena do metal nos anos noventa, fazendo do gênero algo mais maduro, e agradando aqueles de gosto mais refinado. (McIver, 2012. P. 48)

Após três anos de banda, os *headbangers*<sup>10</sup> americanos já tinham abraçado o Slayer, a temática satanista, chocante, a morbidez e ar sombrio em tudo que envolvia a banda, desde o show com luzes até as imagens apresentadas tanto nos cartazes de divulgação quanto no álbum. Justamente por essa “aura” macabra que envolvia a banda poucos se perguntaram o que motivava as letras violentas e essa postura da banda. Mas alguns, segundo o que nos

---

<sup>10</sup> *Headbanger* é a denominação da cultura de fãs de heavy metal e suas variantes. O termo headbanger atribuído como denominação ao grupo, pelo hábito de praticarem *headbanging*, ou “bater cabeça”, tradução literal no Brasil.

conta o livro, conseguiram ir além do visual e compreenderam que a música era apenas uma válvula de escape, um catarse para jovens descontraídos que buscavam seu espaço na cena musical (p. 67).

Mas a posição “anti-deus” do Slayer não é perceptível somente na indumentária, tudo na banda é de alguma forma profano, uma afronta a todos os deuses, a qualquer religião que tenha um Deus. Apesar de terem admitido que seu “satanismo” era fictício (p.71), a banda tem álbuns com títulos chocantes, como *Seasons in the Abyss*, *God Hates us All*, *Hell Awaits*, *Christ Illusion* e *Diabolus in Musica*, e músicas com letras de temáticas fortíssimas e dos mais variados tabus como por exemplo “*Sex, Murder, Art*”, que descreve claramente uma sessão de sadomasoquismo em *Sex, Murder, Art*:

*Shackled  
My princess  
Dangling in distress  
Here  
To discipline*

Algemada  
Minha princesa  
Balançando em sofrimento  
Aqui  
Para disciplinar

E críticas que não perdoam o próprio governo e suas guerras para assumir o controle sobre as fontes de petróleo em *American*:

*American  
It's all about the mother fucking oil  
Regardless of the flag upon it's soil  
In a blood bath we pad our fucking greed  
The price is high to maintain liberty*

American, é tudo sobre o petróleo filho da puta  
Independentemente da bandeira em seu solo  
Em um banho de sangue que recheia nossa maldita ganância  
O preço é alto para manter a liberdade

A letra critica obviamente as constantes guerras militares em que o governo americano entrou ao longo dos pra garantir a suposta liberdade de acesso ao petróleo.

E não somente a guerra pelo petróleo mas toda as formas de guerra, em *War Ensemble*:

*Supreme art of strategy*  
*Playing on the minds*  
*Bombard till submission*  
*Take all to their graves*  
*Indication of triumph*  
*The numbers that are dead*  
 Arte suprema da estratégia  
 Comandando as mentes  
 Bombardeando até a submissão  
 Mandando todos para suas sepulturas  
 A Indicação do triunfo  
 É o número de mortos

Onde criticam a propaganda da guerra, dizendo que a verdadeira motivação da guerra não seria a liberdade e sim a submissão do oponente, assim como na música *Chemical Warfare*, criticando a paz artificial criada pelas guerras químicas que na verdade não passariam de serviços prestados ao diabo e aos “senhores do inferno”.

E obviamente, uma das maiores “pregações” do Slayer: a crítica às religiões e seus extremismo, cantam em seus versos o lado mais cruel das religiões ou profanam seus símbolos sagrados. Kerry King disse em entrevista ao site ArtistDirect em 2007, quando foi interpelado quanto a sua posição em relação às religiões disse que a real posição dele seria de um ateu, e que em *Cult*

*No man upon the crucifix*  
*Beware the cult for purity*  
*Infectious imbecility*  
*I've made my choice / 666!*

Nenhum homem subiu ao crucifixo  
 Cuidado com o chamado da castidade  
 Imbecilidade contagiosa  
 Eu fiz minha Escolha  
 666!

Na verdade seria finalizado com *Atheist*, o que representaria a real posição dele quanto às religiões, mas que francamente falando, e entre risos diz que a garotada adora gritar “666”. Em *Haunting the Chapel*, o ataque é direto aos cristãos:

*The holy cross  
Symbol of lies  
Intimate the lives of Christian born  
Speak of death  
The words of hate*

A cruz sagrada  
símbolo de mentiras  
Intimida a vida dos nascidos cristãos  
Falam da morte  
as palavras de ódio

Que canta a profanação e destruição da Igreja, falam contra psicologia do medo imposta aos cristãos através do medo da punição divina e também do discurso de ódio para com os não crentes.

Mas a afronta da banda não se resume só ao cristianismo na música *Jihad*, (assim é chamada a guerra santa para os islâmicos), eles expõe o lado extremista da religião responsável pelos ataques de onze de setembro, onde falam da guerra dos princípios divinos, da guerra pela disputa de poder entre os respectivos deuses, onde os fiéis de ambas tem a sua religião como verdade absoluta e suas motivações para a guerra aos infieis (obviamente os infieis ao seu ponto de vista), chamando-os de pagãos e impuros. Onde um mata o outro em nome da sua religião tendo por bandeira a vontade divina e como justificativa a promessa da recompensa divina pelo sacrifício das suas almas (preferencialmente enquanto ceifa a dos infieis), em favor da superioridade de suas próprias religiões, atacam os símbolos de poder uns dos outros para mostrar que a sua guerra é mais santa que a do inimigo e manda-los ao inferno com o seu deus mentiroso:

*Fuck your God erase his name  
A lady weeps insane with sorrow  
I'll take his towers from the world  
You're fucking raped upon your deathbed  
This is God's War.*

Que se dane o seu Deus  
Apague o nome dele  
Uma senhora chora insanamente de tristeza  
Eu tirarei as torres dele do mundo  
Estuprado em seu leito de morte  
Esta é a guerra de deus

Essas letras na verdade não passam de críticas mascaradas por satanismo fictício, acrescentado a banda unicamente para chocar, para ser mórbido (assim como as letras que falam de necrofilia e *serial killers*), segundo King, na entrevista ao site ARTISTdirect (anexo 2), o que ele faz é simplesmente inverter todo discurso religioso possível, é uma recusa a engolir discursos ideológicos, uma forma de afronta ao extremismo cristão americano. Falando ainda sobre religião, Kerry relata ao autor McIver que o problema são os pregadores, que tentam forçar as pessoas engolirem seus “discursos ideológicos de merda” sendo que ninguém está interessado. Para ele, religião é uma coisa idiota, enquanto ele sobe ao palco para tocar e pessoas pagam para vê-lo fazendo isso, os pregadores estão forçando as pessoas a aceitarem seus discursos, segundo ele é por isso que ninguém gosta de pregadores. (p.71). Araya complementa dizendo que o maior engano das pessoas em suas opiniões sobre a banda é o de que eles são adoradores do Diabo, “Somos pessoas normais”, ele diz. (p.71) Diz ainda que eles (do Slayer) não estão aqui para culpar ninguém, e que apesar de odiar dizer isso, Cristo veio e ensinou às pessoas o amor, a viver em paz. Ele acredita em um ser superior sim, mas é um Deus amoroso.

Esse capítulo buscou demonstrar um pouco da história e da identidade da banda que motivou esse trabalho em torno do fenômeno que acontece no Irã, onde os jovens picharam os muros com seu nome.

Através desse capítulo, pode-se conhecer um pouco mais sobre a banda e o porquê de ser tão impactante ver seu nome pintado nos muros iranianos. Qual a mensagem que ela carrega em suas músicas e qual a importância das características que formam a identidade da banda para que os jovens identificassem nela a catarse que procuram contra a política e a religião do seu país.

O capítulo mostra como a banda, que faz parte do *mainstream* americano, chegou ao cenário *underground* da cultura jovem iraniana e dá a abertura para a discussão do meio, no caso a música, como extensão do homem e forma de mobilização social em uma nação baseada na teocracia islâmica.

Demonstra ainda que o porquê de ser tão impactante ver uma banda de *heavy metal* americana ser conhecida, ouvida e principalmente uma influência no processo de globalização da informação através do poder de vazão que dá aos sentimentos gritantes da juventude iraniana. Fala também dos motivos que levam os jovens a se identificarem, como se conterrâneos fossem, com o discurso da banda.

### 3. O MEIO É A MENSAGEM, E TAMBÉM UMA EXTENSÃO DO HOMEM

*“O meio é a mensagem” significa, em termos da era eletrônica, que já se criou um ambiente totalmente novo. O conteúdo deste novo ambiente é o velho ambiente mecanizado da era industrial. O novo ambiente reprocessa o velho tão radicalmente quanto a TV está reprocessando o cinema.”*  
(McLUHAN, 1974: p. 11)

Herbert Marshall McLuhan, foi professor e pesquisador que deu especial atenção em seu trabalho à pesquisa no mídias de comunicação em massa que surgiram com a eletricidade (até a época das obras, rádio e televisão).

Dentre os livros de McLuhan destacam -se: “A galáxia de Gutenberg” de 1962 (livro citado por Castells no seu “A Galáxia da Internet”) e “Os meios de comunicação como extensões do homem” de 1974. Livros esses em que podemos perceber a importância dada por ele ao tamanho das dimensões que podem alcançar os meios e ao alcance das mídias, sobrepondo em seu discurso a importância da mensagem e de seu discurso.

A obra de McLuhan, apresenta um conteúdo importante para a compreensão dos meios de comunicação como ferramentas de compartilhamento de informação e conhecimento que ganham amplificação através dos meios em que são veiculados.

O meio é a mensagem é a expressão cunhada por McLuhan no seu livro “Os Meios como extensões do homem”, enquanto se propunha a analisar os meios de comunicação e sua relação com a construção social. O autor procura mostrar através de sua teoria que a mensagem é o próprio meio, e o conteúdo que ela carrega é a mudança comportamental e social que causa nos indivíduos. A “mensagem” nada mais é que uso que damos a ela, a mensagem é a mudança de cadência ou padrão na sociedade, é algo que regula e transforma as nossas interações sociais. A mensagem é a mudança nas ações e associações humanas.

Segundo o autor, não é difícil perceber que, em muitos casos, o “conteúdo” ofusca a real importância do meio, impedindo que empresas, por exemplo, percebam que seus negócios vão muito além do comércio de meros produtos. No livro, alguns exemplos apresentados são a IBM, e a General Electric. No primeiro caso, a empresa não percebia, segundo o autor, que não estava somente vendendo máquinas, e sim processamento de informações. E no segundo caso, a empresa não percebia que, além de vender suas lâmpadas

e sistemas de iluminação, estava tão inserida no ramo de informação móvel quanto a gigante americana das telecomunicações AT&T.

O autor explica essa “cegueira”. Dizendo que não percebe-se a luz elétrica, por exemplo, como meio de comunicação simplesmente por que ela não apresenta um conteúdo convencional. Segundo ele, essa é a falha no estudo dos meios. Diz ainda que não percebe-se a luz como meio a não ser que esteja carregando um nome, ou seja, não percebemos o meio, e sim o conteúdo (que também é um outro meio). A luz é pura informação. Um meio sem mensagem nenhuma, mas ao mesmo tempo, portador de todo conteúdo possível.

Baseando-se nessa linha de pensamento, o autor diz que o fato característico de todos os veículos é que o “conteúdo” carregado por eles é sempre outro meio ou veículo. Exemplificando: “O conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra é o conteúdo do telégrafo.” E quando questionado sobre qual seria então o conteúdo da fala responde: “É um processo de pensamento real, não verbal em si mesmo.” (McLuhan. p.22)

Ou seja, uma palavra escrita, ou uma pintura, ou um telefonema, ou o objeto que motivou esta monografia, um muro e sua pichação, não são simples meio, eles são consequências psicológicas, reações sociais e também aceleradores de processos que já existem.

Citando o General David Sarnoff, que diz que o instrumento é usado como bode expiatório por quem pratica o pecado enquanto os maneja, McLuhan fala, que, ainda que o general tenha ignorado a natureza dos meios e se auto-amputado para assumir esse meio como extensão dele mesmo, o uso desse conhecimento dos meios como influenciadores sociais é comparável a disparar uma arma. Mantidas as proporções, quando um alvo é atingido, o meio serviu ao seu propósito. Mas se errar, a culpa é do próprio meio.

Se um meio serve ao seu propósito ele é bom, mas quando erra o alvo, ou quando o mesmo, por diferenças internas ou convenções sociais, não consegue decodificar a mensagem ou a interpreta de forma diferente da pretendida, a culpa é delegada ao meio, que supostamente foi ineficiente.

Exemplificando, segundo a reportagem “Propaganda antitabaco em Xequê”, do site Ciência Hoje, em 2010, a lei federal antitabagista publicada em 2001, que determinava que as embalagens de cigarros deveriam exibir imagens e texto mostrando os malefícios causados pelo tabagismo, não obteve o resultado esperado. Os jovens ao verem as imagens, se preocupavam mais em como o tabagismo poderia afetar a sua aparência do que com as doenças que poderiam levá-los a morte. Ou seja, havia impacto visual, porém a mensagem

não era forte o suficiente, não superava a motivação da busca pela interação social dos jovens. Era suficiente para que houvesse uma ponderação, mas como as imagens apresentadas eram de adultos, e não de jovens, não havia identificação suficiente para motivar os jovens a abandonar o tabagismo. Seguindo, o autor diz que o que tornaria o efeito de um meio fortalecido ou não é a presença de outro meio no seu conteúdo, um apelo que influencie mudanças.

Para McLuhan, um meio não tem serventia se não tiver um propósito. O meio é como uma arma poderosa, com capacidade de construir ou destruir relações e grupos.

Enquanto as sociedades formam padrões e estabelecem sua organização cultural em volta de determinados meios naturais, sejam eles uma cultura de raiz ou um sistema religioso, da mesma forma os sentidos humanos, dos quais os meios são extensões, configuram a experiência e a consciência que são interiorizados no indivíduo. Interiorização essa que, quando exteriorizada, estabelece os laços entre os que compartilham de interesses ou experimentações parecidas. Como por exemplo, é o caso dos jovens fãs de determinada banda, que mesmo não sendo parte da mesma sociedade, nem sendo criados na mesma cultura, formam uma tribo em volta deste gosto compartilhado.

Esses meios, que moldam a forma que absorvemos diferentes informações, são divididos pelo autor em “quentes” e “frios”.

O meio de diferenciá-los segundo o autor é simples: o meio quente é aquele que prolonga um de nossos sentidos em alta definição, ou seja, com uma grande quantidade de informações, por exemplo, o cinema. Já o meio frio, é aquele que possibilita a comunicação apesar de conter pouca informação, como por exemplo, o telefone. Enquanto um meio quente possibilita pouca participação por ser um meio mais massivo, que atinge mais pessoas, o meio frio é mais individualista, mais íntimo. Ainda que muitos casos possa parecer que um meio quente é mais inclusivo, o meio frio também pode ser uma forma de inclusão enquanto na forma de amplificador de um conteúdo que atinge e se comunica diretamente com determinado alvo. Esse é o caso da pichação dos muros do irã, que por ser aparentemente a simples representação do nome da banda, que caracterizaria um meio frio, comunica-se diretamente com os que compartilham da internalização que torna possível a decodificação da mensagem presente nesse meio.

O autor ainda fala em seu livro, de que uma das causas mais comuns da ruptura de sistemas é a confrontação entre meios quentes e frios, no caso do fenômeno registrado no documentário, esse confronto é retratado pelo advento do meio quente “internet”, de onde os jovens buscam as informações que não são disponibilizadas pelos meios tradicionais

iranianos, TV e rádio, que são considerados frios por não permitirem uma interação entre os lados.

Por fim, McLuhan diz, que, após o advento tecnológico, tendo o homem criado extensões do próprio corpo através da tecnologia. Esse mesmo homem teve de se readaptar, criar novas relações e pontos de equilíbrio entre suas extensões.

Apesar dos meios serem extensões do homem, e serem geradores de conhecimento, se esses não forem utilizados de forma consciente eles não passam de informação sem conteúdo. Quando esse conhecimento adquirido é aliado a uma conscientização e externalizado, ele se torna um vetor de mudança na sociedade em que se encontra e na experiência dos indivíduos envolvidos.

#### 4. GLOBAL METAL

O documentário *Global Metal*, produzido pelo antropólogo e fã declarado de Heavy Metal Sam Dunn e pelo diretor de cinema focado na subcultura do Heavy Metal Scot McFadyen é um retrato feito por eles sobre a cultura e a que envolve os *metalheads* ao redor do mundo. Busca mostrar as raízes do gênero musical nas comunidades de trabalhadores Ingleses e Americanos das cidades industriais da metade do século XX, também mostrar um pouco da história das primeiras bandas que surgiram nessa época e as dezenas de subgêneros que surgiram depois e ainda compreender como a cultura do *Heavy Metal* impacta a sociedade em que se faz presente. Para esse fim, Sam Dunn conversou com milhares de *metalheads*<sup>11</sup>, como são chamados os fãs de metal, e também com grandes nomes do heavy metal internacional.

No decorrer das gravações, os documentaristas se surpreenderam com o real tamanho do movimento *underground* com o qual se depararam. Apesar de já tê-lo percebido grande, durante a gravação do seu documentário anterior; *Metal - Uma Jornada pelo Mundo do Heavy Metal*, de 2005, que teve locações nos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Alemanha e Noruega, eles se depararam com uma multidão ainda maior. Multidão essa que leva o heavy metal não somente como música, mas como uma identidade.

Após o lançamento do documentário anterior, *Metal, uma jornada pelo mundo heavy metal*, que não será abordado nesse trabalho, o antropologista Sam Dunn, começou a receber e-mails de várias partes do mundo, felicitando-o e agradecendo por ter mostrado de forma tão respeitosa a cultura que é avidamente consumida por eles.

Além da esperada aceitação por parte dos *metalheads* e da resposta favorável ao conteúdo produzido, os idealizadores do documentário contam que receberam uma quantidade considerável de e-mails. E para a surpresa deles, oriundos de vários lugares diferentes ao redor do mundo. Muitos desses, lugares que eles nem imaginavam que existisse uma comunidade *metalhead*.

Segundo Dunn, apesar de por anos a fio os antropólogos terem estudado os efeitos da globalização, eles nunca consideraram o *Heavy Metal* nesse processo.

O objetivo dessa produção então se tornou conhecer e documentar como o heavy metal se espalhou ao redor do mundo e de que forma ele impacta e transforma a sociedade em

---

<sup>11</sup> O nome *Metalhead* (mais utilizado na Europa), vem do próprio gênero musical. Os cabelos compridos, casacos de couro, coletes jeans, *patches* (apliques em tecido) de bandas de metal entre outros acessórios ajudam a promover um sentido de identificação na subcultura.

que vivem os seus fãs. Quais os significados que ele assume nas variadas culturas em que é inserido, culturas com diferentes fundos políticos, sociais e religiosos. Resumidamente, como o Metal se tornou Global.

Mais do que apresentar o *heavy metal* como um gênero musical, o documentário mostra de que forma a cultura em volta dele se transforma em um mobilizador social, um gênero que não só influencia mas também tem o poder de quebrar paradigmas e barreiras, de transformar cultura e valores sistematizados.

Uma das locações do documentário foi o Brasil. Apesar de ser notadamente reconhecido pelo samba e futebol, o Brasil dispõe de uma cena musical enorme voltada para o heavy metal, inclusive com bandas reconhecidas internacionalmente.

O surgimento da cena heavy metal do Brasil coincide com o fim dos 25 anos de ditadura militar no país. Nos relatos presentes no documentário, músicos, produtores e fãs relatam a dificuldade que encontravam durante o período do regime para conseguir acesso a qualquer informação, um período em que não havia liberdade de acesso a bons instrumentos e equipamentos vindos de fora. O mercado era muito fechado segundo eles. Com a queda da ditadura, enquanto as bandas brasileiras lançavam seus primeiros álbuns, o país se abriu para o resto do mundo, e nas palavras de Carlos Lopes, vocalista e guitarrista da pioneira banda de *thrash metal* carioca “Dorsal Atlântica”: “Isso quer dizer que o Heavy Metal veio junto com a democracia”.

Segundo o também brasileiro Rafael Bittencourt, guitarrista da banda de power metal Angra, o heavy metal não foi o que libertou a juventude da época, mas foi sim o grito de liberdade, da liberdade recém conquistada. Para ele e para outros que viveram aquela época e que participaram do documentário de Sam Dunn, é como se o heavy metal que os unia pudesse ser a trilha sonora desse momento que o Brasil vivia, desse sentimento que tomava todos.

Esse sentimento da época não se perdeu com o tempo, a prova disso são as numerosas lojas especializadas em conteúdo heavy metal (camisetas, discos, revistas e acessórios) que são encontradas por todo o país até hoje. Talvez o maior representante ainda seja a Galeria do Rock em São Paulo-SP, um shopping inteiro que concentra uma dezena de lojas no seu interior voltadas especialmente para esse público.

Mas ainda hoje é inegável dizer que quando se ouve falar em metal extremo brasileiro, comprovado pelo documentário canadense, a primeira banda que vem na cabeça das pessoas, tanto no Brasil como fora dele, é o Sepultura. A banda mineira formada pelos irmãos Max e Igor Cavalera no começo dos anos 80, que mostrou aos *metalheads* ao redor do mundo que o

heavy metal brasileiro teria sim o seu lugar no cenário internacional. A banda ainda chocou, para bem ou para mal, com o lançamento do álbum *Roots*, em 1996, quando misturou o *thrash metal* tradicional com experimentalismos envolvendo a música brasileira. Para Max Cavalera, que hoje já não integra mais a banda, essa foi uma forma de quebrar um outro paradigma, num país onde era considerado regra copiar a América, ter sua própria identidade definida era também uma forma de revolução.

Na sequência do documentário, no outro lado do mundo, o antropólogo tenta compreender o fenômeno do heavy metal em um país onde a organização e a resignação fazem parte da cultura e o consumo da cultura ocidental é de uma voracidade incrível: o Japão.

Segundo o relato dos integrantes do Slayer, Kerry King e Tom Araya, eles acompanharam a evolução dos *metalheads* japoneses. Antes eles assistiam aos shows sentados e aplaudindo, hoje em dia já fazem *moshs e stage divings*<sup>12</sup> “ousados”. No Japão, o heavy metal não é um grito, é algo mais comedido, é um extravasar que não interfere no dia-a-dia deles. O país que foi introduzido ao heavy metal por bandas que hoje soam muito mais rock’n’roll do que na época: Deep Purple e KISS. O Deep Purple havia levado a música executada com improvisos e a presença de palco, o que foi logo substituído pelo show de pirotecnia trazido pelo KISS alguns anos depois, tudo isso novidade para a época.

Do contrário do Brasil, segundo Marty Friedman, ex-guitarrista da banda Megadeth, o diferencial do Japão é justamente não ter tabus com a identidade, eles aceitam cruzamentos entre praticamente qualquer gênero musical. Eles fazem algo chamado de “Visual Metal”, caras bem vestidos cobertos de maquiagem tocando guitarras pesadíssimas ao mesmo tempo que tocam baladas no piano.

Seguindo a viagem, o documentário parte para a Índia, onde a cena ainda está dando seus primeiros passos e ainda não houve shows de bandas grandes. Jovens como Atul Sharma, dono do portal Metalindia.net e Sahil Makhija, integrante da banda Demonic Resurrection, buscam no heavy metal uma música forte e feita para corações fortes idem.

Para esses jovens, o metal é a música que gera paixão neles, algo que faz com que eles se obriguem a não se conformar com o que a sociedade impõe a eles, imposições essa que vão além do respeito para com o próximo.

---

<sup>12</sup> O *mosh*, conhecido no Brasil como *roda-punk*, consiste basicamente em um grupo de pessoas em um show formarem uma roda e começarem a se empurrar umas contra outras, é comum a associação da dança como um ato de incentivo à violência. o verdadeiro intuito de um *mosh* não é efetivamente agredir as pessoas, e sim “dançar” conforme a música. Já o *stage diving*, é o ato de mergulhar do palco sobre a platéia dos shows. Confundido as vezes com o *mosh*.

Na Índia, a cultura do Metal é o que aproxima as pessoas, é o que une as pessoas de mente mais aberta, que realmente sabem no que acreditam. Como mostrados nas filmagens, é comum que se tenha em uma banda de metal um integrante cristão com uma camisa do Iron Maiden e outro hindu com uma estampa do rosto de Mahatma Gandhi, ambos convivendo pacificamente e sem julgamentos.

E assim como acontece no Brasil, no Japão e na Índia, o documentário nos mostra que isso se repete em outros países como a China e a Indonésia por exemplo. E apesar de estarem sob diferentes regras e tabus, as motivações dos jovens são muito parecidas. Nas palavras de Max Cavalera: “É muito parecido com os garotos no Brasil ou na Europa Oriental. Rebeldia, fartos disso, eles estão realmente fartos dessa merda toda. De como é a vida deles, ter que viver nesse buraco. Provavelmente muitos deles vão morrer nesse buraco, e o que fazer a respeito? É aí que entra o *Metal*. “A música *heavy metal* sempre foi controversa. É sempre rebeldia contra autoridade e contra a religião em geral. Como fui lembrado na Indonésia, em alguns casos pode ser a voz do ódio”. (DUNN, Sam. 2008)

Após passar por diversos países, a equipe do documentário chega então à zona que vive sob a provável maior tensão na terra: o Oriente Médio.

Nas palavras dos jovens músicos e fãs que vivem em Israel, a primeira parada do antropologista na região, afirmam que a música soa mais verdadeira quando você escreve sobre o que você vivencia, mais do que quando você escreve sobre aquilo que aprendeu nos livros de história.

Eles vivem em um lugar onde a insanidade está mais perto da realidade. Em Israel por exemplo, jovens de 18 anos tem que tomar a decisão entre servir ao quartel e arriscar a própria vida para proteger o país, e entre abandonar o quartel para irem em busca de seus sonhos e arriscar ver o país ser engolido pelas constantes guerras que assolam a região e se repetem em ciclos intermináveis.

E depois dessa visita à Israel, o antropologista chega finalmente ao Irã, onde devido à tensão que havia na época não pode entrar no país. Aqui, o documentário descreve talvez o maior fenômeno, e que para ele também é o mais chocante. O único festival de metal do oriente médio, o Desert Rock, acontece em um lugar próximo dali, em Dubai. E é lá que Sam Dunn encontra os responsáveis pela cena *heavy metal* no Irã.

Nessa parte do documentário, os jovens descrevem as dificuldades que encontram para consumir a música no país. Não há nenhum cd a venda, o que é a pior restrição, e tampouco camisetas de metal pode ser comercializadas. Até pouco tempo atrás, segundo o relato do engenheiro mecânico Armin, um fã local, calças jeans eram proibidas e cabelos compridos

eram cortados pela polícia. Quem ousava ostentá-los, como é o caso do músico Ali, era levado até a polícia para prestar esclarecimentos, onde era logo rotulado como “adorador de Satã”. Só se parecer como um metaleiro para eles já é como se o indivíduo fosse satanista.

Manifestações individualistas, ou nas que o indivíduo demonstre muita empolgação, são consideradas anti-moralistas pela polícia religiosa, já que do ponto de vista islâmico, o sistema vigente no país, isso não é uma boa coisa para a música. Nos raros casos em que shows são liberados em países vizinhos, temas que falem sobre guerra são terminantemente proibidos por serem considerados muito agressivos.

Toda essa repressão tem feito a comunidade iraniana de *metalheads* crescerem de forma distante do que está realmente acontecendo no cenário do resto do mundo. Assim como os chineses que tiveram que absorver 50 anos de história do rock em 10, os jovens iranianos se atualizam a passos lentos, ou melhor, a downloads lentos.

Apesar de viverem na época de globalização, os jovens iranianos, assim como os sauditas, encontraram no advento da internet na região um impulso para a globalização que eles precisam. Um lugar (a internet), onde é fácil de buscar e obter informação, o meio que garante que eles tenham acesso aos conteúdos que tanto anseiam ainda que tenham que fazer isso de forma ilegal, já que essa é a única forma disponível para que eles possam consumir isso. Segundo Lars Ulrich, que já teve uma posição bem menos política com o assunto<sup>6</sup>, diz que a internet é maravilhosa, que ela torna tudo acessível a nível global. E mais, permite visibilidade para que as pessoas possam crescer e fazer crescer a cena *heavy metal* na região.

E mesmo com toda essa repressão por parte do governo islâmico, que ainda declara sentenças de morte, alguns jovens são capazes de atos arriscados, ainda que no ocidente possam parecer diminuídos e simples, no contexto do Irã islamista, são verdadeiros atos de rebeldia contra o governo.

Tom Araya, *frontman*<sup>13</sup> do Slayer, relata que um conhecido que viajou ao Irã para visitar a família, lhe enviou uma foto. E nessa foto havia um muro pichado com a palavra Slayer, e eles também tiraram uma foto próxima do muro, para provar que a pichação estava lá, que eles estavam lá. E Araya segue: “Eu olhava e pensava. Uau, Slayer em um país muçulmano! Isso podia ser um grito de morte.”

Enquanto governos religiosos seguem censurando a música *heavy metal*, os jovens continuam vendo nessa música um lugar onde eles podem falar, ou melhor, um lugar em que a própria música fala por eles, de seus problemas, de suas guerras, da opressão que sentem. A

---

<sup>13</sup> Líder da banda

música é a chance que eles aproveitam para liberar a energia reprimida de uma maneira positiva. E quando se reúnem com pessoas que compartilham esse gosto musical, é como se todos os problemas políticos ficassem longe, do lado de fora.

Através desses relatos, o antropologista percebe o quanto o *heavy metal* faz parte do processo de globalização, e além disso, ele é um meio que conecta as pessoas, não importa a cultura, política ou religião. E muito mais do que simplesmente absorver a cultura do ocidente, esses jovens a moldam e fazem dela uma saída, uma opção alternativa que não teriam nas suas culturas tradicionais, uma válvula de escape ao caos que é a sociedade atual e suas constantes mudanças.

Mais do que música, mais ainda que uma identidade e liberdade, o *heavy metal* é o meio que conecta todos os seus fãs ao redor do mundo em uma comunidade global. Encontrando-os conectados pelos produtos culturais dessa interação.

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Tendo, agora, o conhecimento sobre o cenário em que se posicionam estes personagens, pode-se perceber que a origem dos discursos anti-ocidente proferidos pelo governo islâmico tiveram sua motivação originada antes ainda da ascensão dos aiatolás ao poder. Esse ódio pregado pelos religiosos teve origem ainda durante o período da ditadura do Xá Pahlevi, onde os iranianos tiveram seu orgulho ferido pela exploração colonialista que espoliou suas reservas de petróleo e tentou impor sua cultura ao povo. Esses discursos não se restringiram só a palavras, se tornaram em uma ditadura teocrática que baniou todas as formas de reprodução da cultura ocidental e caçou seus oponentes políticos.

Por esse motivo, acrescido do fato do envolvimento em guerras e governos ditos corruptos, o sentimento de esperança, que havia tomado a nação após a revolução iraniana de 1979, onde foi derrubado o ditador Pahlevi, tem se tornado em um sentimento de desgosto e revolta por parte da população. População essa que não se conforma em ter confiado sua chance de liberdade e sua democracia nas mãos dos aiatolás. Esse sentimento, que tem crescido em meio à população, que se sente traída pelos religiosos, tem se transformado em desrespeito e em pequenos atos de afronta ao governo.

Esses pequenos atos, que são na maioria tolerados nas grandes cidades, incluem antenas parabólicas, lenços coloridos, partidas de futebol e também o fenômeno apresentado no documentário, as pichações de muros com o nome Slayer.

Os jovens iranianos, personagens do fenômeno, encontraram na música heavy metal, além da catarse para o sentimento de opressão, um meio de afronta ao sistema vigente. Utilizam-se do simples ato de pichar um muro como um meio de transmitir a sua mensagem, eles estão ali, não vão se conformar.

Através da internet, eles buscam novas bandas, novos sons, ainda que sejam bandas formadas nos anos 80, como o Slayer, em um país que permanece de certo modo isolado do mundo, isso também é uma novidade. Através da música eles encontram um meio de descarregar suas emoções e extravasar a repressão exercida pelo governo e pela religião sobre eles.

E nesse ponto, se justifica a teoria de McLuhan, que diz que o meio também é a mensagem. Nessa teoria, em que diz que o meio é muito mais que só um canal, McLuhan aborda o que é percebido durante a análise: a internet, considerada um meio frio de acordo com a teoria de McLuhan, serve como meio de obtenção de informações por parte dos jovens, tornando-se assim uma extensão deles. Assim como a música, que se torna uma extensão para

as ideias e discursos e transforma-se em um vetor de mudanças sociais e quebras de paradigmas.

McLuhan, certamente não poderia antecipar a Internet, mas a anteviu, no entanto; ele conseguiu antever a ideia de que o meio, também é a mensagem; e o meio e a mensagem em questão, são os muros pichados na cidade de Tehran, como uma mensagem de desagravo ao sufocamento cultural que o jovem iraniano vem sofrendo pela chamada “revolução islâmica”.

A presença do Slayer pichado nos muros do Irã é impactante. Tanto por ser o nome de uma banda americana, que discursa veementemente contra as religiões, em um país subordinado a um governo islâmico que declara que o governo dos Estados Unidos são o “Grande Satã”, quanto por ser capaz de mobilizar, através da música obtida na internet, transformações sociais e culturais em volta de uma cultura global, o *heavy metal*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados observados no decorrer desse trabalho, pode-se perceber o tamanho da importância que a internet tem como meio e como extensão para o homem moderno. Além de servir como meio para a troca de informações entre os mais distantes e diferentes lugares, ela serve também como meio de aproximação entre diferentes culturas.

No documentário principalmente, é possível ver nas entrevistas cedidas, que se não fosse pela internet, eles permaneceriam isolados do mundo. Suas culturas não evoluiriam e eles permaneceriam estagnados, sem criar nada de novo, apenas reciclando a própria e a visão limitada que tinham do mundo.

Através da música, e de tantas outras informações que compõe a cultura *heavy metal*, encontradas na internet, eles puderam encontrar uma identidade, um meio que eles assumem como parte deles.

E nesse processo de interiorização da cultura que vem do ocidente, eles se tornam transformadores do lugar onde vivem, ainda que a música não vá torná-los governantes do país, eles vão aos poucos se libertando das amarras culturais e ideológicas que os prendem.

Quebrando barreiras geográficas e se integrando a uma tribo global, eles se tornaram, mesmo quando se utilizando da pirataria, parte do mundo globalizado. A “Aldeia Global”, na visão de McLuhan, torna o mundo todo como uma extensão da própria pele, nada mais é que o meio que permite a tradução das mensagens ao redor do mundo.

O mal não tem fronteiras, assim como é percebido de diferentes formas, induzindo a valores dúbios sobre moral, também os exageros moralistas de dogmas medievais, viajando pela internet e atinge os jovens de maneiras diferentes. Uma coisa se percebe, onde acontece o choque de culturas, a mais nova sobrepõe a antiga quando o discurso contido no seu meio for mais forte.

Do contrário do maquiavelismo, onde os fins justificam os meios, na teoria de McLuhan acontece o contrário, os fins é que são justificados pelos meios que são utilizados.

Os Meios, quando extensões do homem, são pontes entre culturas na formação da Aldeia Global. Não podendo assim serem vistos como meros agentes do trânsito de informação global, mas sim como personagens ativos das mudanças e derrubada de barreiras físicas. Os meios e suas mensagens são a ponte entre Ocidente e Oriente, e a internet é o símbolo da ruptura da barreira entre as culturas.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BBC - Iran country profile, overview.** Em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-14541327>>. acesso em: 04 Junho 2015.

SILVA, Edilson Adão Cândido da **CARTA NA ESCOLA: A construção do Irã moderno.** [s.l.]: Abril, n. 43, fev. 2010. Disponível em: <[http://www.esamc.br/arquivos/artigos\\_e\\_palestras/Artigo\\_A\\_Construcao\\_do\\_Ira\\_Moderno.pdf](http://www.esamc.br/arquivos/artigos_e_palestras/Artigo_A_Construcao_do_Ira_Moderno.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2015.

SMITHA, Frank. **The Iranian Revolution: The Pahlavi Monarchy Falls.** 2015. Disponível em: <<http://www.fsmitha.com/h2/ch29ir2.htm>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

BBC (Reino Unido) (Comp.). **On This Day: 1979: Exiled Ayatollah Khomeini returns to Iran.** 2005. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/february/1/newsid\\_2521000/2521003.stm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/february/1/newsid_2521000/2521003.stm)>. Acesso em: 05 jun. 2015.

AVELAR, Idelber. **Irã e EUA, via Israel.** 2010. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/digital/85/ira-e-eua-via-israel/>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

**IranionLine. Islamic Republic of Iran Constitution,** em inglês. Em: <http://www.iranonline.com/iran/iran-info/government/constitution.html>. Acesso em: 05 jun. 2015.

MELLO, Kátia; FORGANES, Rosely. **Irã. Além dos portões:** Duas décadas depois, os filhos da Revolução Islâmica vão às ruas contra o regime dos aiatolás. Revista ISTOÉ nº 1555 21 Jul. 1999. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe-temp/internac/155525.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

FOLLATH, Erick. **O Irã é muito mais moderno do que você pensa.** 2015. Traduzido por: George El Khouri Andolfato. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/derspiegel/2015/04/08/o-ira-e-muito-mais-moderno-do-que-voce-pensa.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

KHAMENEI, Imam Sayyd Ali. **Islamic Revolution.** 2015. Em inglês. Disponível em: <<http://www.leader.ir/tree/index.php?catid=70&nodeid=11647>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

MCIVER, Joel. **O Reino Sangrento do Slayer.** 2. ed. São Paulo: Edições Ideal, 2013. 368 p. 2. ed., ampl e rev. Tradução: Marcelo Viegas.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2007. 408 p. Tradução de: Décio Pignatari.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg.** São Paulo: Nacional, 1972. 392 p. Tradução de: Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira.

**GLOBAL Metal.** Realização de Banger Productions. Coordenação de Sam Dunn; Scot Mcfadyen. Roteiro: Sam Dunn; Scot Mcfadyen. Canada: Seville Pictures, 2008. (93 min.), HDV, son., color. Legendado.

VENTURA, Bruna. **Propaganda antitabaco em xeque. 2010.** Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/2010/12/propaganda-antitabaco-em-xeque>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

COGGIOLA, Osvaldo. **O Irã no centro do mundo. 2015.** Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o\\_ira\\_no\\_centro\\_do\\_mundo.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_ira_no_centro_do_mundo.html)>. Acesso em: 09 jun. 2015.

HORROCKS, Peter. BBC **Persian audiences nearly double in Iran despite continued censorship. 2013.** Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/mediacentre/latestnews/2013/persian-arabic-audiences-rise>>. Acesso em: 02 abr. 2013.

WHIPLASH. **Metallica move ação contra Napster. 2000.** Disponível em: <[http://whiplash.net/materias/news\\_984/006082-metallica.html](http://whiplash.net/materias/news_984/006082-metallica.html)>. Acesso em: 15 abr. 2000.

BYS, Dan. **Sean Parker, do Napster, e Lars Ulrich, do Metallica, se reúnem em evento do Spotify. 2012.** Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/sean-parker-do-napster-e-lars-ulrich-do-metallica-se-reunem-em-evento-do-spotify/>>. Acesso em: 06 dez. 2012.

## ANEXOS

### **Anexo 1. Entrevista de Slayer com Tortaul Para o Autor da Bibliografia da Banda**

Vocalista da Banda Brasileira Zumbi do Espaço – 08 de novembro de 2012 em São Paulo.

Meu primeiro contato com o Slayer foi por volta de 1984 ou 85. Eu já tinha sido contaminado pelo vírus do heavy metal alguns anos antes, através dos discos do Black Sabbath, das fitas k7 do Iron Maiden e de toda a cena emergente vinda da Inglaterra, conhecida como “New wave of British heavy metal”, que apesar de ter surgido em 1979/80 só chegou por aqui alguns anos mais tarde (estamos falando de uma época onde não existia internet, e toda informação que se conseguia era através de alguns poucos fanzines como *Rock Brigade* e *Heavy Metal Maniac*, além das trocas de correspondências e fitas caseiras, geralmente conseguidas nos classificados desses zines).

Eis que um dia em minhas mão chega uma dessas fitas, com duas novas bandas americanas que estavam fazendo um tipo de Metal nunca ouvido antes. No lado A, a gravação de um disco chamado *Kill 'Em All*, de um grupo com um nome que sonhava estranho e genial ao mesmo tempo: Metallica. E, no lado B, uma banda ainda mais pesada, mais agressiva, mais suja, mais rápida e mais diabólica chamada simplesmente Slayer, trazendo com ela a representação mais brutal do inferno. O disco? *Show no Mercy*. O nome das músicas também eram os mais assustadores e violentos até então. Pérolas como “Evil Has no Boundaries”, “The Antichrist”, “Die by the sword”, e a minha preferida de todos os tempos, “Black Magic”. Imagine alguma coisa como as guitarras dobradas do Judas Priest misturadas com uma base onde podia se notar a influência do hardcore, com letras insanas sendo tocadas por moleques provavelmente “alterados” da Califórnia... Era isso e muito mais.

Não é preciso dizer que fiquei obcecado com essa nova música e não demorou muito para que eu perseguisse até encontrar fotos e os discos originais dessa banda. Quando me deparei com esses caras provavelmente só alguns anos mais velhos do que eu, com seus braceletes de pregos, correntes, indumentária militar, pentagramas, caveiras, demônios e todo o resto, tive certeza que nada poderia ser tão ofensivo quanto isso, e o círculo se fechou. Logo dezenas de bandas no Brasil e outras centenas pelo mundo a fora foram formadas ou influenciadas pelo Slayer.

Voltando ao começo desta história (e só pra comparar com outra banda que dividia minha velha “fita pirata” com eles), enquanto o Metallica transformava o metal em “estado de arte” com obras primas como *Ride the Lightning* e *Master of Puppets*, conseguindo a cada disco chegar mais próximo do grande público, até se tornar a maior banda do planeta (mesmo que para isso tenham se desvirtuado em alguns momentos), o Slayer ia se tornando ainda mais denso, pesado, sombrio, explorando temáticas desagradáveis e ofensivas para muitos, e inovando dentro do seu próprio estilo. Trabalhando com o lendário produtor Rick Rubin, e lançando ano após ano discos fenomenais como *Hell Awaits* (*esse ainda produzido por Brian Slagel*), *Reign in Blood*, *South of heaven*, *seasons in the abyss*, culminando com a perfeita celebração dessa época de ouro no duplo ao vivo *Decade of Aggression*.

Na minha opinião, nenhuma banda jamais superou o slayer em agressividade. Seus primeiros discos foram a pedra fundamental não só para o Thrash Metal, mas para muitos outrosestilos que estavam por vir. A questão não era o quão rápido eles podiam tocar, mas sim o quão pesado, sujo e diabólico eles podem e conseguem soar. Sobreviveram aos anos 90 e continuam lançando discos relevantes até hoje. Nunca mudaram seu estilo, nunca amoleceram e nunca fizeram concessões. Se o black sabbath criou o Heavy Metal, o Slayer o levou a um outro patamar, o qual poucos podem sequer se aproximar. O legado do Slayer é o “Triunfo da Agressividade”. E que assim seja, porque o *Mal não tem Fronteiras*, o *Inferno Espera* e *Não Mostra Piedade*. Portanto, aproveite sua leitura e, mais do que isso, vá ouvir seus discos do Slayer! E se você não tem nenhum, não merece viver.”

Tor Tauil (Zumbis do Espaço)

São Paulo, 8 de novembro de 2012

## **Anexo 2. Entrevista dada pelo Guitarrista Kerry King para Adam McKibbin**

Editor do site artiste direct- 2017

Entrevista com Kerry King em 2007 para Adam McKibbin do site ARTISTdirect. Disponível em inglês no endereço: <http://www.artistdirect.com/entertainment-news/article/interview-kerry-king-of-slayer/4381004> acesso em Maio de 2015.

Em negrito, o entrevistador.

Guitarist and band co-founder Kerry King took some time out of his tour schedule to chat with ARTISTdirect about God, Satan and all the things that keep Slayer ticking after a quarter-century of metal and mayhem.

**You've never shied away from attacking organized religion in your songs—directly and unapologetically—and Christ Illusion cranks up the heat. But then we often arrive at a "Hail Satan" conclusion, which seems a little strange. Are you talking about the Christian devil?**

Actually on "Cult" ["Beware the cult of purity / Infectious imbecility / I've made my choice / 666"] the line "666" was going to be "Atheist," to get that point across about how I really feel. But it doesn't make for a good song. Kids love screaming "666." [laughs]

**Slayer has traveled the world and met fans from across the globe. What makes America so uniquely susceptible to organized religion?**

Power. No free thinking; everywhere else in the world, people make their own opinions. There's religion everywhere, but you go anywhere else in the world and people say "You Americans are really fucking tweaked on your religion." Hey, not me! [laughs] I'm trying to clean that out.

**And America is so vast that it's easy to be in one pocket and lose sight of how extremely different other pockets may be. Los Angeles, for instance, is probably a more atheistic city than Topeka.**

Yeah, but as soon as you get 60-75 miles out of L.A., like where I live, it's like a mini-Bible Belt. Everybody's got their Not of This World stickers and Jesus Freak stickers. Where do these people come from? That's kind of where "Cult" came from, just observing all of that. When you get down to the bottom line, say I'm a Satanist and I'm going to paint 666 on my window or Satan Freak on my window, a bunch of Christians are going to key your car and rip your stickers off. That's how infatuated they are. That's what bothers me. But I can't go rip their stickers off because of the brotherhood—they'll fucking turn my ass in.

**It does seem that the debate is opening up a little bit. There are some more prominent atheists in the public eye, even though politicians still have to bend over backwards to profess their faith.**

And they're the ones who get busted stroking a hooker in the alley.

**You guys keep putting out albums and we'll see some headway, maybe.**

I think it's going to be the people who come after us. [laughs] The people who come carrying the torch in 50-60 years, maybe.

**Bands like Green Day and Dixie Chicks have made big waves with relatively tame political statements. It must be harder for a band like Slayer to make waves, since waves are expected.**

We're not a political band, either.

**Right, but there are controversial elements to Christ Illusion.**

Oh, absolutely.

**But there wasn't a lot of outcry—except in Southern California they made you take down those bus benches displaying the cover art.**

What really stings about that Fullerton bus bitch thing—it was either one person or one group that protested against it, and they had to get rid of all of them. The last I remembered, I lived in America. If I didn't want to look at something, if I didn't want to see something, look away. Don't watch. Don't listen. You have a choice. But they took our choice away by pulling the entire fucking thing. That's the world we live in.

**Do you think we're moving forward or marching backward?**

I think it's forward and backward at the same pace—the status quo, you know. There are changes that make our life better, all the electronic shit. But then you've got all the same political hatred and religious hatred that's been here since the dawn of time. I'm just riding it. [laughs]

**Re-releases are a good occasion to look back, both at this album and the career behind it. Are there any songs where you think, "I really nailed that one"?**

I can think of some "Goddamit, I wish I hadn't recorded that one." [laughs] There's one—every time I hear it, I'm like "Why the fuck did we ever play that song?" I used to hate it so much that I forgot the name of it. It's off South of Heaven, "Cleanse the Soul." I hate that song.

**Is that unanimous?**

I don't think Jeff likes that song, either. We were both stupid enough to okay it back then. "Hey, this rocks!"

**Do you write songs immediately in reaction to things you see or experience?**

What I do is, if I see a religious phrase, if I can flip-flop it, I'll jot it down. That's pretty much how I got the "God Hates Us All" lyric. I saw a billboard driving, it said something like "Remember, God loves all of us." I said, "No, he doesn't. He fucking hates my ass. I'm sitting in traffic." It instantly became "God hates us all" and I saved it until I had the right spot for it.

**Then the concentrated songwriting sessions come later?**

Yeah, and we usually do the music first. I'd say 95% of the time the songs are 95% done before we even consider writing lyrics to it. Then I'll lock myself in a room and think brutal thoughts and get to where I need to be. When I get the title or the line that gives me incentive to go in some direction, then I go from there.

**Is that the process for everyone?**

That's how Jeff does it, too. Tom, I imagine, the same way, because he writes to the songs.

**A number of interviews with you start off by saying something like "I was really intimidated, but, wow, he's a nice guy." But really most of the guys in heavy bands are decent guys—the ratio is at least as good as it is for guys in poppy electronic bands.**

Yeah, they've got the attitude for some reason.

**Does the heavy music offer an exorcism or something?**

Well, I'm just a normal fucking dude—the only thing that separates me from the kids watching me is that I found three dudes who liked the same thing I liked musically and we make each other better. I still go to the shows when I'm at home. I go to House of Blues—I probably could just walk in and not be on the guest list, like "Hey guys, I'm back." [laughs]

**Is there anyone who would still make you geek out and revert to being a fanboy?**

Yeah, up until recently. We were in Holland doing a festival and Heaven and Hell was on the bill with us—they were in front of us, actually, which just blew me away. Tony Iommi—it used to be that I couldn't fucking talk to the dude. This time, I'm in the dressing room by myself and he knocks on my door and I'm like "Tony, don't you fucking knock on my door—get your ass in here!" I understand the respect thing but, hey, do what you want!

**Slayer fans are very loyal and after all the years and albums and tours and message boards and behind-the-scenes footage, some of them come to identify with you guys on a very personal level. What percentage of the real picture are they getting?**

I'm sure there's a bunch of horseshit, but there's also access to so much information. In the midst of all that, there is the fucking thread that's totally out of the blue and just fucking wrong—but you read ninety percent of it and it's "How do they fucking know

that?" It's flattering—and disturbing when you get a stalker kind of dude. But they're in touch with what they like; I didn't have access to that when I was a kid. I had to find magazines that were few and far between and go to shows and see for myself.

**Yeah, how did you hunt down music?**

I'd go to the Mom and Pop stores. I'd see something with a skull or fire and just roll the dice and hope it was good. That was being a metal kid back then. Maybe you'd get lucky and find an early Kerrang!